

**O BRASIL OITOCENTISTA SOB O OLHAR
DE HIPÓLITO DA COSTA:
*O CORREIO BRAZILIENSE (1808- 1822)***

Ana Paula dos Santos Monteiro (UFRJ)

**O primeiro dever de um homem em sociedade
he ser util aos membros della. (...)**

**Ninguem mais util pois do que aquelle que se
destina a mostrar, com evidencia, os aconteci-
mentos do presente, e desenvolver as sombras
do fucturo.**

Correio Braziliense, junho de 1808, Introducção

Durante o século XIX, os jornais constituíam o principal meio de comunicação impresso no Brasil. As notícias eram propagadas entre todos, tanto entre os que sabiam ler como entre os que não sabiam. Segundo Barbosa,

Na história social da escrita no Brasil, os periódicos passaram, assim, a ser os principais meios de difusão dos valores e usos da cultura letrada. (...) Em um império Sul-Americano de poucos livros, de imenso número de alfabetizados no âmbito particular, os jornais e os demais periódicos foram os verdadeiros espaços de difusão dos modelos de pensamento e opinião dos grupos.

Constituíam-se, muitas vezes, como um meio de propagação de ideias políticas, e dessa maneira, eram formadores de opiniões. Segundo Terrou & Albert:

De todos os objetivos da pesquisa histórica, o jornal é, talvez, o que mantém as mais estreitas relações com o estado político, a situação econômica, a organização social e o nível cultural do país e da época dos quais constitui o reflexo.

O primeiro periódico escrito por um brasileiro para leitores brasileiros era escrito em Londres e remetido clandestinamente para a maior colônia portuguesa. Através do *Correio Braziliense*, Hipólito da Costa, seu único editor, utilizava-se de diferentes estratégias argumentativas na construção de uma análise crítica sobre a situação política das Américas. O *Correio Braziliense* era publicado no exterior, dado a censura vigente no Brasil nos primeiros anos do século

XIX. Entretanto, segundo Sodré, “o que lhe dava caráter nacional era a estreita ligação com as condições internas em que procuravam influir; a impressão no exterior era circunstância”. Sodré classifica o jornal de Hipólito como um jornal “do tipo doutrinário e não do tipo noticioso”, “como ângulo externo de ver o Brasil, perspectiva externa”. Hipólito, por conta de sua cadeia de relações sociais, vislumbra um panorama político da Europa e das Américas de modo mais amplo dos que não sabiam (por força política colonial) do que se passava fora. O *Correio Braziliense* destinava-se a formar e conquistar opiniões e reunia questões principalmente sobre Brasil, Portugal e Inglaterra.

Apesar de nos encontrarmos em uma fase preliminar de levantamento, o objetivo deste trabalho é compreender como formas de argumentação se articulam no jornal. Dessa maneira, esse estudo pretende contribuir para um melhor entendimento de como era conduzida, no Brasil, a formação de opiniões a respeito de um movimento pró-independência. Esse estudo contribui para o Projeto “*Para uma História do Português do Brasil*”, o qual se pode ver disponível no site www.lettras.ufrj.br/phpb-rj e que conta com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Serão apresentadas as mudanças do modo argumentativo que possuem ligação direta com as mudanças ocorridas na situação política brasileira, no período que compreende os anos de 1808 a 1822, anos em que o *Correio Braziliense* foi publicado. A hipótese inicial do trabalho visa mostrar que Hipólito da Costa mudou suas estratégias a cada década de existência do jornal. Dois momentos históricos serão destacados: o Brasil como colônia portuguesa e o Brasil pós-independência. Para atingirmos tal objetivo, analisaremos o periódico em três anos distintos: 1808, 1815 e 1822.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

1808 – O Brasil como colônia de Portugal

Já na primeira edição do *Correio Braziliense*, é definida a função do jornal, de acordo com seu redator. A introdução do primeiro número revela “a finalidade moralizadora e não modificadora,

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

ética e não revolucionária” (Cf. Sodré, p. 27). *O Correio Braziliense* era publicado em forma de livro e dessa forma, seu objetivo concentrava-se mais em conscientizar os leitores da necessidade de mudança do que simplesmente divulgar as notícias. Entretanto, Hipólito não era a favor de uma ruptura radical, embora acreditasse que a independência seria inevitável.

Em 1808, a família real portuguesa transfere-se para o Brasil, com o objetivo de fugir do ataque das tropas napoleônicas, por ter desobedecido ao Bloqueio Continental, que impedia que nações europeias comercializassem com a Inglaterra. Hipólito da Costa não faz questão de esconder sua posição antibonapartista:

A França, pelo desejo de vingar-se da Inglaterra, a quem não pode directamente morder, vai arruinar de todo, e por todo, o reyno de Portugal, fazendo aos Inglezes, o insignificante mal de que não possam vender, nesse paiz, huma duzia de canivetes. [...] A Inglaterra soffre, com éstas medidas violentas do Governo Francez, porém as mais naçoens arruinam-se inteiramente. (CB, junho de 1808, p. 46)

Sua opinião fica claramente demonstrada na análise de um folheto francês, feita na seção de *Literatura & Sciencias*, em junho de 1808. Segundo o próprio redator, o folheto se caracteriza por ser “*uma miseravel producção anonyma*”. Hipólito não hesita em revelar que a análise do folheto reflete sua opinião, já que por diversas vezes se utiliza da primeira pessoa do singular: “*Tenho porém de começar minha taréfa...*” (CB, junho de 1808, p.30);

...obriria contra meus sentimentos, se não declarasse altamente, que conheço muitas pessoas em Portugal...”; “Para explicar ésta minha posição, *exemplificarei* com Portugal; pois este paiz, sendo o principal que o author do folheto se propõe a enganar, he tambem necessario, que seja principal, que eu me proponha a acautellar do engano. (CB, junho de 1808, p. 43).

Dentre os trechos nos quais Hipólito utiliza-se da ironia para desvalorizar os argumentos do folheto, podemos citar:

O author deste folheto tem cara para dizer, que a marinha Ingleza “posto constar com muitos navios, com tudo muitos estão incapazes de servir, e outros não tem maruja para se esquipar! *Salvo se o author ou authores deste folheto assentam , que 800 vasos em serviço actual he nada.* (CB, junho de 1808, p. 34);

Diz mas o folheto “Os Inglezes mesmo dizem tambem nas suas folhas publicas, todos os povos civilizados da Europa fecham os seus por-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tos, &C.” *He pena! Por isso aqui se não come nem bebe!*. (CB, junho de 1808, p. 39)

O redator do *Correio Braziliense* faz uso de outro método para persuadir o leitor de que as informações contidas no folheto francês, tal qual seu autor, não devem ser levadas em consideração: os sintagmas negativos colaboram com sentenças avaliativas para conduzir o leitor ao descrédito das ideias francesas presentes na obra em questão. Podemos citar alguns trechos nos quais podemos perceber claramente a intenção de diminuir a credibilidade do folheto francês:

Os erros que este paragrapho contem são *indisculpaveis* (adj); porque as contas authenticas, que os Ministros Inglezes tem apresentado ao Parlamento sobre os artigos de que falla este paragrapho andam em todas as gazetas; assim, o ignorar isto, he estupidez *sem sahida* (loc. adj). (CB, junho de 1808, p. 32);

Depois do author haver assim balbuciado sobre o Commercio de Inglaterra, de que *he evidente não saber cousa alguma*, passa, *segundo ele nos diz...*(sent. avaliativa) (...) mas o author importa-lhe pouco com o methodo. (CB, junho de 1808, p. 46).

Há ainda trechos em que Hipólito tenta denegrir a imagem do autor francês, como em:

O folheto está tão cheio de erros de gramatica, que se eu reparasse nisso, não me ficava lugar para tratar da matéria. (CB, junho de 1808, p. 42); Copiei por inteiro este longo e tedioso paragrapho, para que o author se não queixe, que tão *interessante* [grifos do original] discurso apparecia truncado; alias pourparia ao leitor o trabalho de lêr semelhante rapsodia. (CB, junho de 1808, p. 47).

Logo, podemos perceber que as estratégias não são usadas de forma estanque umas das outras. Dessa forma, Hipólito não abandona a ironia nem as frases pejorativas quando insere em sua análise documentos oficiais da Inglaterra para dar crédito ao que diz, em detrimento do que foi dito anteriormente. Dentre estes trechos, podemos citar como exemplo os que se seguem:

... fato incontestável, que só o author deste folheto se atreve a contradizer, sem nos informar d'onde tirou sua autoridade;

Se o author quizer ser crido devia citar sua authoridade; a minha são, como dicto fica, as contas officiaes apresentadas á Camara dos Communs aos 8 de março. (CB, junho de 1808, p. 33);

O author faz somente uma asserção vaga, dizendo somente, que são faltos de raciocinios os que calculaõ que a Inglaterra possa tirar lucros do

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

commercio com as colonias. Mas a falta de raciocinio estaria em crer ésta sua proposição, sem que della se dem provas: eu mostrarei, pela minha parte, que o commercio Inglez com a America, Africa, e Asia he muito maior que o commercio Inglez com a Europa. Eis aqui a *conta official* das exportações dos productos e manufacturas Inglezas... (CB, junho de 1808, p. 41).

1815 – O Congresso de Viena e suas consequências para Brasil e Portugal

Em agosto de 1815, na seção Miscellanea, vemos a maneira como Hipólito da Costa articula suas críticas ao governo português: apesar de usar sempre um tom sarcástico e irônico, não faz críticas tão duras como as que serão analisadas na fase posterior do jornal.

Naõ fazemos ésta comparaçõ das duas negociaçoens; para fazer a face vermelha ao Conde; porque elle naõ faz caso destas bagatellas; sua *alma grande he mui superior ao que póde dizer o Correio Braziliense...* (CB, agosto de 1815, p. 239).

O Conde em questão é o Conde de Funchal, que era representante português no Congresso de Viena. O artigo, intitulado “*Reflexoens sobre as novidades deste mez*”, faz uma análise sobre as atitudes políticas tomadas no Congresso e suas consequências para Portugal e Brasil. O artigo critica, principalmente, o fato de Portugal se deixar submeter à vontade das potências europeias maiores, como o Reino Unido, a França e a Rússia: “*Os plenipotenciarios portugueses trabalharam effcazmente em remediar a humilhaçãõ do character Portuguez, occasionada pelo Conde do Funchal, nas negociaçoens em Paris do anno passado*” (CB, agosto de 1815, p. 238)

As críticas a autoridades portuguesas não se resumem somente ao Conde de Funchal. O General Gomez Freire é criticado por não ter mandado tropas para a guerra contra a França, traindo, de certa forma, a Inglaterra. Insere-se um parágrafo que fora remetido ao editor da publicação inglesa “Star”, com o objetivo de defender a atitude do general. O Correio Braziliense posiciona-se desta maneira sobre o escrito: “*O paragrapho, que acabamos de copiar contem quasi tantas falsidades como sentenças. (...) Quanto ao General Gomez Freire, naõ diz aquelle paragrapho uma só palavra que verdade seja.*” (CB, agosto de 1815, p. 258). Hipólito não censura o fato de Portugal não ter enviado as tropas, mas, sim, questiona a aliança ce-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ga entre o príncipe regente português e o governo inglês: “*O que Portugal tem perdido em se alliar com sempre contra a França está patente; o que tem ganhado ainda o não vimos.*” (CB, agosto de 1815, p. 258). O que se põe em questão é a influência que os ingleses exercem sobre o governo português e como este se deixa dominar, sem mostrar qualquer resistência:

Perguntamos a estes cabeças esturradas, que assim pensam; se desejam que os Inglezes sejam os seus reformadores, e lhe façam todos os beneficios, em quanto os Portuguezes ou estão sentados com os braços encruzados, esperando que os bons bocados lhe cáiam do Ceo; ou estão fazendo humiliaçoens aos Inglezes para se conservarem em seus lugares, ou obterem outros. (CB, agosto de 1815, p. 260)

As ideias pregadas por Hipólito da Costa são constantemente repetidas durante toda a publicação do jornal, como a ideia da liberdade dos homens: “*Naõ valerá a pena de fazer alguma declaração a favor da liberdade natural dos brancos na Europa? – a liberdade da imprensa – a liberdade de discussão – a liberdade religiosa, &c.&c...*” (CB, agosto de 1815, p. 247).

Com o objetivo de mostrar que a independência era um projeto viável, os Estados Unidos eram o exemplo mais recorrente encontrado no periódico. Além da ironia, o sarcasmo era a tônica do discurso de Hipólito e foi utilizado para demonstrar o atraso do Brasil enquanto colônia:

Naõ haverá uma alma Christã na Corte do Rio-de-Janeiro, que lembre fazer algum ajuste com os Estados Unidos, para manter no Mediterraneo alguns navios de guerra Portuguezes, em vez de pagar tributos aos Mouros? Da alliança com os Estados Unidos, resultariam outros beneficios alem deste. Declarallos aqui seria fazellos inuteis. (CB, agosto de 1815, p. 248).

Outro aspecto interessante que se nota no jornal na publicação de agosto de 1815 é a fala do Ministro de Polícia da França. A fala relatada do Ministro em um documento oficial mostra a influência que os periódicos possuíam nessa época e como as autoridades se viam incomodadas com tamanha repercussão:

As operaçoens destes escriptos, de facto, são muito mais rapidas: em um instante chegam a mil leitores. Todo o seu povo as lê de graça nos lugares publicos; (...) Todos os dias nos enredam com os estrangeiros, e tornam a acender a desconfiança; elles desconcertam os generosos esfor-

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

ços que V. M. está fazendo para unir os espíritos, e curar as feridas do Estado. (CB, agosto de 1815, p. 189).

O Ministro francês sugere que os periódicos sejam submetidos a “*uma comissão de homens iluminados e moderados*” e o rei acata a ideia. (CB, Agosto de 1815, p. 189). A inserção do documento sobre a censura na França tinha por objetivo não só criticar a censura que era vigente no Brasil, mas defender a liberdade de imprensa. Os relatórios oficiais buscam causar a reflexão o leitor, uma vez que o próprio Ministro reconheceu a relevância dos periódicos para a formação de opiniões da população, muitas vezes, estimulando-a a questionar e analisar criticamente as decisões tomadas pelas autoridades.

1822 – O Brasil como nação independente

Nos períodos analisados, novembro e dezembro de 1822, podemos perceber apenas três meses após a independência do Brasil a mudança na condução dos argumentos feita por Hipólito da Costa no *Correio Braziliense*. Nessa fase, percebemos que as críticas são diretas aos governantes portugueses. Embora a ironia ainda se faça presente, podemos observar que não há subterfúgios por parte do redator do periódico para expressar suas opiniões.

Já no mês de novembro, podemos perceber o tom mais direto usado pelo redator do jornal para expressar suas opiniões. Visto que o Brasil havia se tornado um país independente, não era mais necessário fazer alusões a outras colônias e suas metrópoles para servir como metáfora da situação brasileira. Pela simples leitura, percebe-se que os adjetivos e expressões desmerecendo a Corte Portuguesa tornam-se muito mais presentes, tais quais os substantivos que contribuíam para formar opiniões contra as atitudes políticas de Portugal:

Ora se as Côrtes até aqui fingiram acreditar que a sua Constituição era agradável ao Brazil, tal *fingimento* se torna uma palpável *falsidade*, vistas essas expressas declarações dos Deputados Brazilienses; mas o *partido Anti-Brazilico* nas Côrtes estava determinado a saltar por cima de toda a evidencia, e continuar em seus *absurdos*. (CB, novembro de 1822, p. 478).

Observamos que no mês de dezembro, como já foi feito em outros anos, documentos oficiais asseguram confiabilidade às infor-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mações veiculadas. A primeira seção do mês de dezembro começa com a ata da aclamação de Dom Pedro I como Imperador do Brasil. Na ata, lê-se que foi apresentada ao Imperador

...uma mensagem do povo desta provincia pelo Prezidente do Senado da Camara, que lhe dirigio a falla, mostrando que era vontade universal do povo desta Provincia, e de todas as outras, como se conhecia expressamente dos avizos de muitas Camaras de algumas dellas, sustentar a Independencia do Brazil, que o mesmo Senado, conformando-se com a opinião dominante tinha já declarado e acclamar o mesmo Senhor neste fausto dia Imperador Constitucional do Brazil... (CB, dezembro de 1808, p. 578).

A inserção de um documento oficial do governo confere mais credibilidade ao que está sendo dito, e, desta forma, deve acreditar que o movimento pela manutenção da independência deve ser levado a sério. Há também um decreto do Imperador, que ordena que as pessoas que não concordarem com o sistema de independência devem ser despejadas do país.

É interessante notar a relação dos textos na seção de Política deste mês do jornal, que reflete a maneira sutil como Hipólito da Costa dizia o que pretendia sem se comprometer. Primeiramente, são apresentados documentos do governo do Império que acaba de se formar, que corroboram a ideia de que a separação do Brasil de sua metrópole era inevitável; logo após vemos a fala do rei de Portugal, na qual se lê que *“A gloria dos Reys he inseparavel da felicidade de seus subditos, e aquelle, que preside a uma nação livre, he tam ditoso, quanto saõ infelizes aquelles, que impéram sobre escravos.”* (CB, dezembro de 1808, p. 585). De certa forma, esta fala também contribui para o pensamento de que a independência do Brasil foi a melhor saída, tanto para Portugal quanto para o Brasil. Há ainda, no final da seção, um balancete que parece estar fora de contexto. Entretanto, se o analisarmos em relação à notícia da ata que proclama D. Pedro como imperador do Brasil, podemos percebê-lo como estratégia para divulgar o Brasil como nação livre e independente, já que veicula os preços correntes dos principais produtos do Brasil no exterior.

Cabe ressaltar que é na seção Miscellanea que se pode notar maior discrepância em relação às estratégias argumentativas usadas antes da independência. O artigo de opinião intitulado *“Reflexoens sobre as novidades deste mez”* apresenta logo no começo, um subtí-

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

tulo irônico, muito característico do estilo de Hipólito: “*Reynos Desunidos do Brazil e Portugal*”. Nesse artigo, podemos observar que o redator do jornal não poupa críticas a Portugal e o faz de maneira muito direta, como por exemplo, através de adjetivos depreciativos para caracterizar a Corte Portuguesa e suas atitudes.

A opinião do jornal resume-se nas “*Reflexoens*”. Como já se havia lido anteriormente no jornal, a independência era um movimento inevitável que aconteceria independentemente da vontade de Portugal e de suas tentativas de recolonizar sua ex-colônia. Isso se deve porque, segundo o artigo,

...não é possível que soffressem por mais tempo ser tranquillos expectadores da guerra civil, com que se intentava incendiar o Brazil, debaixo do apparente e enganoso nome de confraternidade, e das palavras de igualdade de direitos, e com os factos, em opposição, tendentes a reduzir o Brasil a colonia de Portugal.

Também é criticada a elevação do Brasil à condição de Reino Unido a Portugal e Algarves:

As Cortes, com a mais contradictoria hypocrisia, pretendiam crer, que o povo do Brazil não desejava conservar ao seu paiz a cathogoria de Reyno, e ao mesmo tempo, que só tendia-se fazer independente; e neste sentido, continuáram as provocaçoens, e as expediçoens hostis, os decretos absurdos de proscripçoens, e ordem de prisoeens, contra os cidadãos mais conspícuos do Brazil...

Não há receio, por parte do redator, em demonstrar a reprovação pela Corte Portuguesa:

Chegou por fim o momento em que o povo Braziliense, desesperado pelo comportamento das Côrtes, que não prometia melhora nem offerecia signaes de arrependimento, conhecêo que a sua prosperidade, a sua segurança, e até mesmo sua existencia como Nação, só lhe podia provir da completa separação de Portugal.

Diferentemente das primeiras edições do periódico, nas quais se via o uso da primeira pessoa do singular, nessa fase do periódico, percebemos o uso quase que categórico da primeira pessoa do plural:

Temos pois o Brazil erigido em novo Imperio, e o seu Monarcha com o titulo de Imperador; e sem nos demorarmos sobre a formula escolhida, passaremos a considerar os effeitos reaes da independencia do Brazil, tanto no interior como no exterior [dezembro de 1822, p. 594];

Naõ *escrevemos* isto; porque julgemos que taes advertencias são necessarias ao Ministerio do Brazil: o Governo de S. M. I. mostra-se

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

bem convencido disto, pelas medidas, que *sabemos* ir adoptando; mas *julgamos* mui util...

O uso da forma do plural articula-se como estratégia argumentativa, uma vez que possui por objetivo atenuar a força da opinião do jornal. O uso da forma “*nós*” inclui o leitor, como se este compactuasse com os mesmos preceitos difundidos pelo jornal.

Hipólito da Costa apresenta alguns inconvenientes que podem surgir a partir da declaração da independência, mas, segundo o próprio, “*nenhum desses seria tam grande, como o mal de se conservarem os Brazilienses na incerteza de sua sorte política.*” [dezembro de 1822, p. 595].

Em outros artigos da mesma seção, é traçado um panorama da situação política dos países europeus, citando a Grécia como exemplo a ser seguido pelo Brasil:

... mas he para este paiz que desejamos que os Brazilienses olhem attentamente; he na Grecia actual que os Brazilienses acharão uma eschola de política, he ali que apprenderão a conhecer o estado moral dos Governos Europeos, he na Grecia que veráõ como n'um espelho o que o Brazil pode esperar da Politica Europea. (p. 602).

A Grécia é apenas um exemplo dos países que estavam combatendo ideias antigas com ideias modernas. É também citada a constituição inglesa como modelo de constituição a ser seguido.

O jornal também critica a tentativa de recolonização do Brasil:

A politica de Portugal, pelo que respeita o Brazil, continúa a ser constantemente absurda, esperançado ainda o Governo, e illudido igualmente o povo, com as ideias de reconquistar o Brazil, e fundando-se nas forças, que tem na Bahia, e na dominação, que ainda conserva no Maranhão e Pará. [...]até nas gazetas de Lisboa se tem publicado cartas, escriptas por Portuguezes, residentes naquelles paizes, que dizem haver no Maranhão *muitos patifes*. [Dezembro de 1822, p. 621].

Critica-se diretamente oficiais portugueses, como o general Madeira, que comandava a tentativa de recolonização na Bahia. Hipólito caracteriza-o como um “*déspota*” que tiraniza a Bahia. Também é criticada a atitude da Corte (“*Para se vêr o absurdo deste subterfugio das Côrtes...*”) em relação a um documento assinado pela população baiana contra as autoridades portuguesas

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

A Comissão recorre ao misero e desprezível subterfugio de fingir, que não acreditava, que fossem authenticas as assignaturas das numerosas pessoas, que subescrevêram o documento; como se fosse necessario, que as assignaturas viessem reconhecidas pelo General Madeira... (CB, novembro de 1808, p.478)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada à análise do periódico em diferentes anos, podemos perceber que a hipótese inicial do trabalho se confirma, visto que tanto em 1808 como em 1815, Hipólito da Costa faz uso de críticas mais brandas e outros subterfúgios para poder dizer o que pretende sem se comprometer. Dentre tais subterfúgios, podemos destacar: o uso de ironia e sarcasmo; textos em que se lia sobre situações semelhantes as que eram vividas no Brasil em relação a Portugal, como a situação do México em relação à Espanha, por exemplo; documentos oficiais de colônias que haviam conquistado independência e prosperado, como os Estados Unidos, incitando o povo brasileiro a seguir seu exemplo.

Em 1822, percebemos uma mudança de estratégias argumentativas: críticas mais ásperas, já que o redator do *Correio Braziliense* não precisava mais dizer de forma velada o que pretendia, visto que o Brasil passava a ser um país livre; críticas e análises diretas sobre a relação Brasil x Portugal. As palavras de cunho negativo referiam-se a Portugal, sua política interna e seus políticos de forma muito direta, em contraponto a primeira fase do jornal, na qual não foram observadas críticas dirigidas diretamente a entidades portuguesas. As novas estratégias, entretanto, não excluíram as antigas, visto que podemos observar a ironia durante toda a publicação do periódico.

Dessa forma, podemos concluir que Hipólito da Costa buscou formar opiniões através de seu jornal desde 1808, embora nessa fase, o leitor fosse responsável por fazer as conexões necessárias para compreender a verdadeira mensagem, que estava subtendida. A partir de 1822, como o Brasil passou a ser um país independente, Hipólito não teria mais porque temer represálias, logo, pode expressar livremente sua opinião, sem precisar se utilizar de subterfúgios para atingir seu objetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MONTEIRO, Ana Paula & VIEIRA, Margareth. Os modelos de escrita oitocentista: O Correio Braziliense (1808 – 1822). Trabalho apresentado na XXIX Jornada de Iniciação Científica, Artística e Cultural da UFRJ, 2007.

BARBOSA, Afranio Gonçalves. Tratamento de Corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, Célia Regina dos Santos (org.). *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/FAPER/In Folio, 2005.

CALLOU, Dinah Maria Isensee Callou & BARBOSA, Afranio Gonçalves (Coords.). *Para uma história do português do Brasil – RJ*. Disponível na página <http://www.lettras.ufrj.br/phpb-rj>

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia et alii (Orgs.). *Para a história do português brasileiro - Notícias de corpora e outros estudos - Volume IV*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/ FAPERJ, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TERROU, F. & ALBERT, P. A industrialização e a democratização da imprensa no início do século XIX a 1871. In: ——. *História da Imprensa*. Trad. Edison Darci Heldt. São Paulo: Martins Fontes.